

Livro que deu origem à série de TV *Vampire Diaries*

DIÁRIOS do VAMPIRO

A Fúria

L.J. SMITH



Série Diários do Vampiro

O despertar

O confronto

A fúria

L. J. S M I T H

DIÁRIOS do
VAMPIRO

A Fúria

8ª edição

Tradução
Ryta Vinagre



GALERA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2012

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Smith, L. J. (Lisa J.)

S649f A fúria / L. J. Smith; tradução Ryta Vinagre. - Rio de Janeiro: Galera Record, 2012.
-(Diários do vampiro; 3).

[Recurso Digital]

Tradução de: The Fury

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

Sequência de: O confronto

Continua com: Reunião sombria

ISBN 978-85-01-40057-4 [recurso eletrônico]

1. Sobrenatural - Ficção. 2. Relações humanas - Ficção. 3. Vampiros - Ficção. 4. Ficção americana. 5. Livros eletrônicos. I. Vinagre, Ryta. II. Título. III. Série.

12-3720

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Copyright © 1991 by Daniel Weiss Associates, Inc. and Lisa Smith

Publicado mediante acordo com a Rights People, London.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou

em parte, através de quaisquer meios.

Os direitos morais do autor foram assegurados.

Composição de miolo da versão impressa: Abreu's System

Imagem de capa: Jose AS Reyes / Shutterstock

Texto revisado pelo novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000

que se reserva a propriedade literária desta tradução

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-40057-4

Atendimento e venda direta ao consumidor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002

***A minha tia Margie, e em memória de minha
tia Agnes e a tia Eleanore, pelo estímulo à
criatividade***

Elena entrou na clareira.

Sob os pés, farrapos de folhas de outono congelavam na lama. O anoitecer havia caído e o bosque ficava mais frio, embora a tempestade agora esmorecesse. Elena não sentia o frio.

Tampouco ligava para a escuridão que a cercava. Com as pupilas completamente dilatadas, Elena captava quaisquer mínimas partículas de luz que teriam sido invisíveis a um humano. Ela conseguia enxergar com muita clareza duas figuras lutando sob o grande carvalho.

Uma tinha cabelos escuros e grossos que o vento agitava num mar tumultuado de cachos. Era um pouco mais alta do que a outra, e Elena de algum modo sabia que tinha olhos verdes, embora não pudesse enxergar o rosto.

A outra figura também tinha cabelos pretos, mas eram finos e lisos, quase como o pelo de um animal. Os lábios se repuxavam nos dentes em fúria, com todo o charme indolente de seu corpo agachado numa postura de pantera. Os olhos eram negros como a noite.

Elena os observou por vários minutos sem se mover. Ela se esquecera por que tinha ido ali, por que havia sido atraída pelos ecos dessa batalha, que ecoavam em sua mente. Esta proximidade, o clamor da raiva, do ódio e da dor dos dois era quase ensurdecedor, como gritos silenciosos vindo dos lutadores. Eles travavam um combate mortal.

Qual deles vencerá?, pensou ela. Os dois estavam feridos e sangravam, e o mais alto tinha o braço esquerdo pendendo num ângulo pouco natural. Ainda assim, ele acabara de golpear o outro contra o tronco nodoso de um carvalho. A fúria dele era tanta que Elena podia senti-la e saboreá-la, assim como também ouvi-la, e sabia que isso conferia a ela uma força inacreditável.

E então Elena se lembrou do motivo para ter vindo. Como poderia ter se esquecido? Ele estava ferido. A mente dele a convocara até aqui, espancava-a com ondas de raiva e dor. Ela veio ajudá-lo, porque ela pertencia a ele.

As duas figuras agora estavam no chão gelado, lutando como lobos, rosnando. Rápida e silenciosamente Elena foi até eles. Aquele com o cabelo ondulado e olhos verdes — Stefan, uma voz em sua mente sussurrou — estava por cima, os dedos arranhando o pescoço do outro. A raiva tomou conta de Elena, raiva e um instinto protetor. Ela estendeu o braço entre os dois para impedir aquela mão que sufocava, para erguer seus dedos.

Não ocorreu que ela devia ser forte o bastante para fazer isso. Ela se sentia muito forte, e isso bastava. Ela lançou o peso do corpo para o lado, arrancando seu cativo do adversário que o feria. Providencialmente, jogou-se com força sobre o braço ferido dele, derrubando-o de cara para o chão tomado de folhas. Depois começou a estrangulá-lo por trás.

O ataque dela o pegou de surpresa, mas ele não estava nem um pouco derrotado. Ele revidou, a mão boa apalpando o pescoço de Elena. Até que o polegar dele cravou em sua via respiratória.

Elena logo se percebeu investindo contra a mão dele, procurando-a com os dentes. A mente dela não conseguia entender o que se passava, mas seu corpo sabia o que fazer. Seus dentes eram uma arma e eles se cravaram na carne dele, arrancando sangue.

Mas ele era bem mais forte do que ela. Com uma virada de ombros, ele se soltou e se livrou das mãos dela, virando-a para baixo. E depois ele estava por cima dela, com uma expressão contorcida de fúria bestial. Ela sibilou para ele e partiu para atacar seus olhos com as unhas, mas ele afastou a mão dela para longe.

Ele ia matá-la. Mesmo ferido, era muito mais forte. Os lábios dele se repuxaram e mostraram os dentes já manchados de escarlate. Como uma serpente, ele estava pronto para dar o bote.

E então parou, pairando acima dela, a expressão em seu rosto transformando-se.

Elena viu os olhos verdes dele se arregalarem. As pupilas, que tinham se contraído a níveis cruéis, dilataram-se. Ele a encarava como se verdadeiramente a visse pela primeira vez.

Por que ele olhava para ela desse jeito? Por que ele simplesmente não acabava logo com tudo? Mas agora a mão de ferro sobre o ombro de Elena a

soltava. O esgar animal desaparecera, substituído por um olhar de pasmo e admiração. Ele se sentou, ajudou-a a se sentar, enquanto olhava seu rosto.

— Elena — sussurrou ele, a voz entrecortada. — Elena, é você.

É isso que eu sou?, pensou ela. Elena?

Não importava. Ela lançou um olhar para o antigo carvalho. Ele ainda estava ali, parado entre as raízes reviradas, arfando, apoiando-se na árvore com a mão. Ele olhava para ela com seus olhos negros intermináveis e as sobrancelhas unidas numa carranca.

Não se preocupe, pensou ela. Posso cuidar deste aqui. Ele é idiota. Depois ela se lançou para o de olhos verdes novamente.

— Elena! — gritou Stefan enquanto ela o chutava para trás. A mão dele que ainda estava boa a segurou pelo ombro e ergueu-a. — Elena, sou eu, Stefan! Elena, olhe para mim!

Ela olhava. Mas só o que conseguia enxergar era o trecho exposto de pele que havia no pescoço dele. Ela sibilou de novo, o lábio superior recuou, revelando seus dentes.

Ele ficou paralisado.

Elena sentiu o choque reverberar pelo corpo de Stefan, viu o olhar dele se espatifar. A expressão facial de Stefan ficou completamente lívida, como se alguém o tivesse golpeado. Ele sacudiu ligeiramente a cabeça no chão lamacento.

— Não — sussurrou ele. — Ah, não...

Ele parecia estar falando consigo mesmo, como se nem confiasse que ela o ouviria. Stefan estendeu a mão até o rosto de Elena e ela o interceptou com um tapa.

— Oh, Elena... — ele sussurrou.

Os últimos vestígios de fúria, de toda aquela sede animal por sangue, desapareceram do rosto dele. Stefan exibia um olhar confuso, magoado e triste.

E vulnerável. Elena tirou proveito do momento para atacar o pescoço exposto de Stefan. O braço dele subiu para impedi-la, empurrá-la, mas então pendeu novamente.

Ele a encarou por um instante, a dor tomando conta do olhar de Stefan até que ele simplesmente desistiu. Parou inteiramente de lutar.

Ela pôde sentir isso acontecer, sentiu a resistência deixar o corpo de Stefan. Ele permaneceu deitado no chão gelado com pedaços de folhas de carvalho no cabelo, olhando para além dela, fitava o céu escuro e nublado.

Acabe logo com isso, dizia a voz cansada que ecoava na mente de Stefan.

Elena hesitou por um instante. Havia algo naquele olhar que sugeria lembranças dentro dela. De pé à luz da lua, sentado num quarto de sótão... Mas as lembranças eram vagas demais. Ela não conseguia apreendê-las e o esforço a deixava tonta e nauseada.

E este aqui tinha de morrer, o dos olhos verdes, chamado Stefan. Porque ele foi ferido, o outro, aquele para quem Elena nasceu. Ninguém podia machucar aquele homem e continuar vivo.

Ela cerrou os dentes no pescoço dele e mordeu fundo.

Logo percebeu que não estava fazendo do jeito certo. Não atingira nenhuma artéria ou veia. Ela mordeu então a garganta dele, com raiva da própria inexperiência. Era bom morder alguma coisa, mas não saía sangue suficiente. Frustrada, ergueu a cabeça e o mordeu novamente, sentindo o corpo dele se sacudir de dor.

Muito melhor. Desta vez ela encontrou uma veia, mas não a rasgou fundo o bastante. Um pequeno arranhão como aquele não era o bastante. O que ela precisava era rasgá-la, fazer jorrar o sangue quente e succulento.

A vítima tremia enquanto Elena a atacava, os dentes revirando e roendo. Ela sentiu a carne ceder quando mãos a puxaram, erguendo-a por trás.

Elena rosnou sem soltar o pescoço. Mas aquelas mãos eram insistentes. Um braço passou por sua cintura, dedos se entrelaçaram em seu cabelo. Ela lutou, agarrando a presa com dentes e unhas.

Solte-o! Deixe-o!

A voz era ríspida e exigente, como uma lufada de vento frio. Ao reconhecê-la, Elena parou de lutar com as mãos que a puxavam. Enquanto era colocada no chão, Elena finalmente reparou nele, e um nome veio a sua mente. Damon. O nome dele era Damon. Ela o encarou enfurecida, ressentida por ter sido arrancada de sua presa, mas obediente.

Stefan estava sentado, o pescoço vermelho de sangue. O líquido escorrendo pela camisa. Elena lambeu os lábios, sentindo uma palpitação faminta que parecia vir de cada fibra de seu ser. Ela ficou tonta de novo.

— Eu pensei — disse Damon em voz alta — que você tivesse dito que ela estava morta.

Ele olhava para Stefan, que estava ainda mais pálido do que antes, como se isso fosse possível. Aquela cara branca encheu-se de uma desesperança infinita.

— Olhe para ela. — Foi tudo o que ele disse.

Uma mão puxou o queixo de Elena, levantando seu rosto. Ela encontrou os olhos escuros e estreitos de Damon. Depois dedos longos e finos tocaram os lábios dela, examinando o que havia entre eles. Por instinto, Elena tentou mordê-lo, mas nada muito forte. O dedo de Damon encontrou a curva acentuada de um canino e Elena agora o travou, com uma mordiscada, como de um gatinho.

O rosto de Damon não demonstrou qualquer expressão, os olhos petrificados.

— Sabe onde você está? — disse ele.

Elena olhou em volta. Árvores.

— No bosque — disse ela com astúcia, voltando a olhar para ele.

— E quem é aquele ali?

Ela seguiu o dedo que apontava.

— Stefan — disse ela com indiferença. — Seu irmão.

— E quem sou eu? Sabe quem sou eu?

Ela sorriu para ele, mostrando os dentes pontiagudos.

— É claro que sei. Seu nome é Damon e eu amo você.

A voz de Stefan era baixa e selvagem.

— Era isso o que você queria, não era, Damon? E agora conseguiu. Teve de fazê-la como nós, como você. Não bastava apenas matá-la.

Damon sequer olhou para Stefan. Fitava Elena atentamente através daqueles olhos ocultos, ainda ajoelhado ali, segurando seu queixo.

— Esta é a terceira vez que você diz isso e estou ficando meio cansado dessa história — comentou ele delicadamente. Desgrenhado, ainda meio sem fôlego, porém controlado e composto. — Elena, eu matei você?

— É claro que não — disse Elena, entrelaçando os dedos nos da mão livre de Damon. Ela já estava ficando impaciente. Do que estavam falando, afinal? Ninguém morreu.

— Nunca pensei que você fosse mentiroso — disse Stefan a Damon, a amargura em sua voz inalterada. — Podia ser qualquer coisa, menos isso. Nunca vi você tentar se acobertar.

— Mais um minuto — disse Damon — e vou perder a calma.

O que mais você pode fazer a mim?, respondeu Stefan. Matar-me seria um ato de misericórdia.

— Esgotei minha misericórdia por você há um século — disse Damon em voz alta. Ele por fim soltou o queixo de Elena. — Do que se lembra do dia de hoje? — perguntou a ela.

Elena respondeu entediadamente, como uma criança recitando uma lição odiada.

— Hoje foi a festa do Dia dos Fundadores. — Ela olhou para Damon, flexionando os dedos nos dele. Era o máximo que conseguia lembrar, mas não bastava. Irritada, ela tentava resgatar mais alguma memória. — Havia alguém no refeitório... Caroline. — Ela deu o nome a ele, satisfeita. — Ela ia ler meu diário diante de todos e isso era muito ruim porque... — Elena vasculhou a

memória mas a informação sumiu. — Não me lembro por quê. Mas nós a enganamos. — Ela sorriu calorosamente para ele, como quem conspira.

— Ah, “nós” conseguimos, não foi?

— Sim. Você tomou o diário dela. Fez isso por mim. — Os dedos de Elena subiram pela jaqueta de Damon, procurando pela capa quadrada do diário. — Porque você me ama — disse ela, encontrando-o e arranhando-o de leve. — Você me ama, não é?

Houve um som fraco no centro da clareira. Elena olhou e viu que Stefan tinha virado o rosto.

— Elena. O que aconteceu depois? — A voz de Damon a chamava de volta.

— Depois? Depois a tia Judith começou a discutir comigo. — Elena refletiu por um momento e por fim deu de ombros. — Sobre... alguma coisa. Eu fiquei com raiva. Ela não é a minha mãe. Não pode me dizer o que fazer.

A voz de Damon era seca.

— Não acho que isso agora seja um problema. E depois?

Elena deu um suspiro pesado.

— Depois peguei o carro do Matt. Matt. — Ela disse o nome reflexivamente, passando a língua no canino. Em sua mente, surgiu um rosto bonito, cabelo louro, ombros fortes. — Matt.

— E aonde foi com o carro de Matt?

— Para a ponte Wickery — disse Stefan, virando-se para eles. O olhar dele estava desolado.

— Não, fui para o pensionato — corrigiu Elena, irritada. — Para esperar... Humm. Esqueci. De qualquer forma, eu esperei ali. Depois... Depois começou a tempestade. Vento, chuva, tudo isso. Eu não gostei. Entrei no carro. Mas alguma coisa veio atrás de mim.

— Alguém foi atrás de você — disse Stefan, olhando para Damon.

— Uma coisa — insistiu Elena. Ela já estava farta das interrupções dele. — Vamos para algum lugar, só nós dois — disse ela a Damon, ajoelhando-se para que seu rosto ficasse perto do dele.

— Num minuto — disse ele. — Que tipo de coisa foi atrás de você?

Ela recuou, exasperada.

— Não sei que tipo de coisa! Não era nada que eu já tenha visto. Não como você e Stefan. Era... — Imagens ondulavam por sua mente. Névoa fluindo pelo chão. O silvo do vento. Uma forma, branca, enorme, parecendo

feita da própria névoa. Aproximando-se dela como uma nuvem impelida pelo vento.

— Talvez fosse só parte da tempestade — disse ela. — Mas achei que queria me machucar. Então eu fugi. — Mexendo no zíper da jaqueta de couro de Damon, ela sorriu misteriosamente e o fitou com os olhos baixos.

Pela primeira vez, a expressão de Damon transparecia emoção. Os lábios se torciam numa careta.

— Você fugiu.

— Sim. Lembro que... alguém... me falou da água corrente. As coisas más não podem atravessá-la. Então fui de carro para o córrego Drowning, em direção à ponte. E depois... — ela hesitou, franzindo o cenho, tentando encontrar uma lembrança sólida na nova confusão. Água. Ela se lembrava da água. E alguém gritando. Mas não lembrava de mais nada. — E depois atravessei — concluiu Elena, radiante. — Devo ter atravessado, porque estou aqui. É só isso. Agora podemos ir?

Damon não respondeu.

— O carro ainda está no rio — disse Stefan. Ele e Damon se olhavam como dois adultos tendo uma discussão diante de uma criança, as hostilidades suspensas por ora. Elena sentiu um surto de irritação. — Bonnie, Meredith e eu encontramos o veículo. Mergulhei na água e a tirei de lá, mas nessa hora...

Nessa hora o quê? Elena fechou a cara.

Os lábios de Damon estavam curvados de escárnio.

— E você desistiu dela? De todas as pessoas, você devia ter desconfiado do que podia acontecer. Ou a ideia lhe era tão repugnante que nem pôde pensar no assunto? Preferia que ela estivesse realmente morta?

— Ela não tinha pulsação, nem respiração! — Stefan se inflamou. — Elena não havia recebido sangue suficiente para transformá-la! — Seus olhos endureceram. — Não de mim.

Elena abriu a boca novamente, mas Damon colocou dois dedos ali para mantê-la calada. Ele falou suavemente:

— E o problema agora é este... Ou você é cego para ver isso também? Você me disse para olhar para ela; olhe você mesmo. Ela está em choque, irracional. Ah, sim, até eu admito isso. — Ele parou para dar um sorriso ofuscante antes de continuar. — É mais do que a confusão normal depois da transformação. Ela vai precisar de sangue, de sangue humano, ou seu corpo não terá forças para concluir a mudança. Ela vai morrer.

Como assim, irracional?, pensou Elena, indignada.

— Estou ótima — disse ela por trás dos dedos de Damon. — Só estou cansada. Eu estava indo dormir quando ouvi vocês dois brigando e vim até aqui só para ajudar. E depois você nem me deixou matá-lo — concluiu ela, enojada.

— Sim, por que não deixou? — disse Stefan. Ele encarava Damon como se pudesse cavar buracos no irmão com os olhos. Qualquer vestígio de cooperação de sua parte havia sumido. — Teria sido a coisa mais fácil de se fazer.

Damon sustentou o olhar de Stefan, subitamente furioso, com sua animosidade fluindo e se unindo à de Stefan. A respiração acelerada e superficial.

— Talvez eu não goste das coisas fáceis — ele sibilou. Depois pareceu recuperar o controle mais uma vez. Seus lábios se curvaram de desdém e ele acrescentou: — Veja desta maneira, meu querido irmão: se alguém tiver a satisfação de matar você, serei eu. Ninguém mais. Pretendo cuidar da tarefa pessoalmente. E nisso eu sou muito bom; posso lhe garantir.

— Já nos demonstrou isso — disse Stefan em voz baixa, como se cada palavra lhe desse náuseas.

— Mas esta aqui — disse Damon, virando-se para Elena com os olhos cintilantes —, eu não matei. Por que mataria? Eu podia tê-la transformado na hora que quisesse.

— Talvez porque ela tivesse acabado de ficar noiva de outro.

Damon ergueu a mão de Elena, ainda entrelaçada na dele. No terceiro dedo brilhou um anel de ouro, com uma pedra azul-escura engastada. Elena franziu a testa para ele, lembrando-se vagamente de já tê-lo visto. Depois deu de ombros e, cansada, encostou-se em Damon.

— Bom, agora — disse Damon, olhando de cima para ela —, este não parece ser um grande problema, não é? Acho que ela pode ter ficado feliz em esquecer você. — Ele olhou para Stefan com um sorriso perverso. — Mas vamos descobrir de uma vez por todas se ela está consciente. Podemos perguntar qual de nós ela prefere. Concorda?

Stefan sacudiu a cabeça.

— Como pode sugerir uma coisa dessas? Depois do que aconteceu... — Sua voz falhou.

— Com Katherine? Eu falo, já que você não consegue. Katherine tomou uma decisão tola e pagou por isso. Elena é diferente; ela tem juízo. Mas isso não importa, se você concordar — acrescentou ele, repelindo outros

protestos de Stefan. — O fato é que ela agora está fraca e precisa de sangue. Cuidarei para que o consiga, depois descobrirei quem fez isso com ela. Você pode vir ou não. Fique à vontade.

Ele se levantou, arrastando Elena.

— Vamos.

Elena o seguiu obedientemente, satisfeita em, enfim, se mover. O bosque era interessante à noite; nunca havia percebido isso. As corujas lançavam chamados desolados de caça pelas árvores e ratos-veadeiros fugiam de seus pés que deslizavam. O ar era mais gelado em certos trechos, como se esfriasse primeiro nas cavidades e declives da mata. Ela achou fácil se mover em silêncio ao lado de Damon pelo leito de folhas; a questão era ter cuidado com onde pisava. Elena não olhou para trás para ver se Stefan os seguia.

Ao saírem do bosque, Elena reconheceu o lugar. Tinha estado ali naquele mesmo dia. Agora, porém, havia uma espécie de atividade frenética: luzes vermelhas e azuis piscando em carros, lanternas emoldurando as formas reunidas e escuras de pessoas. Elena os olhou com curiosidade. Várias eram conhecidas. Aquela mulher, por exemplo, com o rosto magro atormentado e os olhos angustiados — tia Judith? E o homem alto ao lado dela — o noivo de tia Judith, Robert?

Devia haver mais alguém com eles, pensou Elena. Uma criança de cabelo tão claro quanto o de Elena. Mas, por mais que tentasse, não conseguia formar o nome em sua mente.

As duas meninas de braços dados, paradas diante de uma roda de policiais, daquelas duas ela se lembrava. A baixinha ruiva que chorava era Bonnie. A mais alta de cabelos pretos, Meredith.

— Mas ela não está na água — dizia Bonnie a um homem de uniforme. A voz tremendo à beira da histeria. — Vimos Stefan retirá-la. Já falamos isso várias vezes.

— E você o deixou aqui com ela?

— Tivemos que deixar. A tempestade estava piorando e ainda havia algo que estava a caminho...

— Deixe isso pra lá — Meredith interrompeu. Ela só parecia um pouco mais calma do que Bonnie. — Stefan disse que se ele... tivesse de deixá-la, a colocaria deitada sob os salgueiros.

— E onde está Stefan agora? — perguntou outro homem uniformizado.

— Não sabemos. Voltamos para pedir ajuda. Ele deve ter nos seguido. Mas quanto ao que aconteceu com... com Elena... — Bonnie se virou e enterrou a cara no ombro de Meredith.

Elas estavam nervosas por minha causa, percebeu Elena. Mas que coisa boba. Posso esclarecer tudo. Ela partiu em direção à luz, mas Damon a puxou de volta. Elena olhou para ele, magoada.

— Assim não. Escolha os que quiser e vamos atraí-los para fora — disse ele.

— Que eu quiser para quê?

— Para se alimentar, Elena. Agora você é uma caçadora. Aqueles ali são a sua presa.

Elena passou a língua no canino, em dúvida. Nada ali parecia com comida. Ainda assim, como Damon falou, ela estava inclinada a dar a ele o benefício da dúvida.

— O que você achar melhor — disse ela, obediente.

Damon inclinou a cabeça para trás, semicerrou os olhos, observando a cena como um especialista avaliando uma tela famosa.

— Bom, que tal simpaticíssimos paramédicos?

— Não — ordenou uma voz por trás deles.

Damon mal olhou para Stefan por sobre o ombro.

— E por que não?

— Porque já chega de ataques. Ela pode precisar de sangue humano, mas não terá de caçar para conseguir. — A expressão de Stefan era carrancuda e hostil, mas trazia um ar de determinação implacável.

— Existe outra maneira? — perguntou Damon com ironia.

— Você sabe que sim. Encontre alguém que esteja disposto... Ou que possa ser influenciado a isso. Alguém que o faça por Elena e seja mentalmente forte o bastante para lidar com isso.

— E eu devia saber onde encontrar tal modelo de virtude?

— Leve-a à escola. Encontrarei vocês lá — disse Stefan, e desapareceu.

Eles deixaram a cena ainda em alvoroço, as luzes piscando, as pessoas zanzando. Enquanto partiam, Elena percebeu algo estranho. No meio do rio, iluminado pelas lanternas, havia um carro. Estava completamente submerso, a não ser pelo para-choque dianteiro, que se projetava da água.

Que lugar idiota para estacionar um carro, pensou ela, seguindo Damon de volta ao bosque.

* * *

Stefan recuperava as sensações.

Doía. Ele pensou que havia superado a dor, que não sentiria mais nada. Quando pegou o corpo sem vida de Elena da água escura, ele pensou que jamais sentiria dor novamente porque nada seria páreo para aquele momento.

Stefan estava enganado.

Ele parou, e apoiou a mão que não estava machucada numa árvore, a cabeça baixa, respirando fundo. Quando a neblina vermelha clareou e ele pôde enxergar novamente, Stefan continuou, mas a dor que queimava no peito não diminuía. Pare de pensar nela, disse a si mesmo, sabendo que era inútil.

Mas ela não estava verdadeiramente morta. Isso não valia alguma coisa? Stefan pensou que jamais ouviria sua voz novamente, jamais sentiria seu toque...

E agora, quando ela o tocou, queria matá-lo.

Ele parou novamente, recurvando-se, temendo vomitar.

Ver Elena daquele jeito foi uma tortura pior do que vê-la fria, inerte e morta. É possível que Damon o tenha deixado vivo por isso. Talvez esta fosse a vingança dele.

E talvez Stefan devesse fazer o que pretendia depois de matar Damon. Esperar até o amanhecer e tirar o anel de prata que o protegia do sol. Banhar-se no abraço feroz daqueles raios até que queimassem a carne em seus ossos e eliminassem a dor de uma vez por todas.

Mas ele sabia que não faria isso. Enquanto Elena andasse pela face da Terra, ele jamais a deixaria. Mesmo que ela o odiasse, mesmo que o caçasse. Ele faria qualquer coisa para mantê-la segura.

Stefan pegou um atalho para o pensionato. Precisava se limpar antes de permitir que os humanos o vissem. Em seu quarto, ele lavou o sangue do rosto e do pescoço e examinou o braço. O processo de cura já começara e, concentrado, ele o aceleraria ainda mais. Estava esgotando rapidamente seus Poderes; a luta com o irmão já o enfraquecera. Mas isso era importante. Não por causa da dor — Stefan mal dava por ela — mas porque precisava estar preparado.

Damon e Elena esperavam na frente da escola. Ele podia sentir a impaciência do irmão e a presença selvagem de Elena no escuro.

— É melhor que isto dê certo — disse Damon.

Stefan não disse nada. O auditório da escola era outro centro de comoção. As pessoas deviam estar desfrutando do baile do Dia dos Fundadores; na realidade, aqueles que ficaram durante a tempestade andavam de um lado a outro ou se reuniam em pequenos grupos para conversar. Stefan olhou por entre a porta aberta, procurando mentalmente uma determinada presença.

Stefan a encontrou. Uma cabeça loura estava curvada sobre uma mesa no canto.

Matt.

Matt endireitou o corpo e olhou em volta, confuso. Stefan desejou que ele saísse. Precisa de ar fresco, pensou ele, insinuando a sugestão no subconsciente de Matt. Você está com vontade de sair por um momento.

A Damon, parado invisível pouco além da luz, ele disse, Leve-a para a escola, para a sala de fotografia. Ela sabe onde fica. Não se mostre antes que eu autorize. Depois voltou e esperou que Matt aparecesse.

Matt saiu, o rosto exausto virado para o céu sem lua. Tomou um susto violento quando Stefan falou com ele.

— Stefan! Você está aqui! — Desespero, esperança e horror lutavam para dominar sua expressão. Ele correu até Stefan. — Eles... conseguiram trazê-la de volta? Há alguma novidade?

— O que você soube?

Matt o encarou por um momento antes de responder.

— Bonnie e Meredith apareceram dizendo que Elena tinha caído da ponte Wickery com o meu carro. Disseram que ela... — Ele parou e engoliu em seco. — Stefan, não é verdade, é? — O olhar de Matt era suplicante.

Stefan desviou o rosto.

— Ah, meu Deus — disse Matt com a voz rouca. Ele se virou de novo para Stefan, apertando os olhos com as mãos. — Não acredito; eu não acredito. Não pode ser verdade.

— Matt... — Stefan tocou o ombro do rapaz.

— Desculpe. — A voz de Matt era áspera e entrecortada. — Você deve ter passado o diabo e aqui estou eu, piorando tudo.

Mais do que imagina, pensou Stefan, a mão se afastando. Ele veio com a intenção de usar seus Poderes para convencer Matt. Agora parecia algo impossível. Não podia fazer isso, não com o primeiro — e único — amigo humano que teve neste lugar.

Sua única alternativa era contar a verdade. Deixar que Matt tomasse a decisão, sabendo de tudo.

— Se houvesse alguma coisa que você pudesse fazer por Elena agora — disse ele —, você faria?

Matt estava perdido em emoções para indagar que pergunta idiota era aquela.

— Qualquer coisa — disse ele quase com raiva, passando a manga da camisa nos olhos. — Eu faria qualquer coisa por ela. — Ele olhou para Stefan de um jeito quase desafiador, a respiração trêmula.

Meus parabéns, pensou Stefan, sentindo o estômago ruir de repente. Acaba de ganhar uma viagem para Além da Imaginação.

— Venha comigo — disse ele. — Tenho que mostrar uma coisa a você.

Elena e Damon esperavam no escuro. Stefan podia sentir a presença dos dois no pequeno anexo ao empurrar a porta da sala de fotografia, abrindo-a e deixando Matt entrar.

— As portas deviam estar trancadas — disse Matt enquanto Stefan acendia um interruptor.

— E estavam — disse Stefan. Ele não sabia o que dizer para preparar Matt para o que viria. Nunca se revelou deliberadamente a um humano.

Stefan ficou parado, em silêncio, até que Matt se virou e olhou para ele. A sala de aula estava fria e silenciosa, o ar parecia pesado. Enquanto o instante se estendia, ele viu a expressão de Matt mudar lentamente do torpor de tristeza e confusão para a inquietude.

— Não estou entendendo — disse Matt.

— Sei que não está. — Ele continuava olhando para Matt, suspendendo intencionalmente as barreiras que escondiam seus Poderes da percepção humana. Viu no rosto de Matt quando a inquietude se fundiu ao medo. Matt piscou e sacudiu a cabeça, a respiração se acelerando.

— O quê...? — ele começou com a voz rouca.

— Você deve ter imaginado um monte de coisas a meu respeito — disse Stefan. — Por que uso óculos escuros na luz forte. Por que não como. Por que meus reflexos são tão rápidos.

Matt agora estava de costas para a sala escura. A garganta palpitando como se ele tentasse engolir. Com os sentidos de um predador, Stefan podia ouvir o coração de Matt batendo surdo.

— Não — disse Matt.

— Você deve ter imaginado, já deve ter se perguntado o que me torna tão diferente dos outros.

— Não. Quer dizer, eu... não ligo. Não me meto no que não é da minha conta. — Matt aproximou-se sorratamente da porta, os olhos disparando para ela num movimento que mal era perceptível.

— Não, Matt. Não quero machucar você, mas não posso deixar que vá embora agora. — Stefan podia sentir a necessidade mal reprimida emanando de Elena em seu esconderijo. Espere, ele disse a ela.

Matt ficou imóvel, desistindo de qualquer tentativa de sair.

— Se queria me assustar, conseguiu — disse ele em voz baixa. — O que mais você quer?

Agora, disse Stefan a Elena. Ele disse a Matt:

— Vire-se.

Matt se virou. E reprimiu um grito.

Elena estava ali, mas não a Elena daquela tarde, quando Matt a viu pela última vez. Agora seus pés estavam descalços sob a bainha do vestido longo. As pregas finas de musselina branca que envolviam o seu corpo tinham crostas de cristais de gelo, que cintilavam na luz. A pele, sempre branca, aparentava agora um estranho brilho invernal e o cabelo louro claro parecia coberto de uma luz prateada. Mas a verdadeira diferença estava no rosto dela. Aqueles olhos azul-escuros tinham as pálpebras pesadas, e apesar de aparentarem sonolência, estavam estranhamente despertos. E uma expectativa sensual de energia faminta latejava em seus lábios. Ela estava mais linda do que nunca, mas era uma beleza apavorante.

Enquanto Matt a observava, paralisado, a língua rosada de Elena surgiu e ela lambeu seus próprios lábios.

— Matt — disse ela, demorando-se na primeira consoante de seu nome. E então sorriu.

Stefan ouviu o arfar contido de incredulidade e o quase soluço que Matt soltou quando enfim se afastou dela.

Está tudo bem, disse Stefan, mandando o pensamento a Matt numa onda de Poder. Enquanto Matt se virava subitamente para ele com os olhos arregalados de choque, Stefan acrescentou:

— Então agora você já sabe.

A expressão de Matt dizia que ele não queria saber e Stefan podia ver a negação em seu rosto. Mas Damon saiu de trás de Elena e passou um pouco para a direita, acrescentando sua presença à atmosfera carregada da sala.

Matt estava cercado. Os três se fechavam sobre ele, inumanamente lindos, inerentemente ameaçadores.

Stefan podia sentir o cheiro de medo que vinha dele. Era o medo impotente que o coelho sente pela raposa, do camundongo pela coruja. E Matt estava certo em ter medo. Eles eram a espécie caçadora; ele era a caça. A missão deles no ciclo da vida era matá-lo.

E naquele momento os instintos já estavam saindo do controle. O instinto de Matt era entrar em pânico e correr, e isso incitava reflexos na mente de Stefan. Quando a presa corria, o predador perseguia; era simples. Os três predadores estavam tensos e Stefan sentia que não podia se responsabilizar pelas consequências caso Matt corresse.

Não queremos machucar você, disse ele a Matt. É Elena que precisa de você, e o que ela precisa não causará danos permanentes. Nem precisa doer, Matt. Mas os músculos de Matt ainda estavam retesados para a fuga e Stefan percebeu que os três preparavam o bote, aproximando-se, prontos para impedir qualquer escapatória.

Você disse que faria qualquer coisa por Elena, lembrou Stefan desesperadamente e então percebeu que ele tomara sua decisão.

Matt soltou a respiração, a tensão saindo de seu corpo.

— Tem razão; eu disse — sussurrou ele. Era visível que Matt se preparava antes de continuar. — Do que ela precisa?

Elena se inclinou para frente e colocou um dedo no pescoço de Matt, acompanhando a saliência submissa de uma artéria.

— Essa daí não — disse Stefan rapidamente. — Não quer matá-lo. Diga a ela, Damon. — Ele acrescentou, quando Damon não fez nenhum esforço para obedecer, diga a ela.

— Experimente aqui, ou aqui. — Damon apontou com uma eficiência clínica, erguendo o queixo de Matt. Ele era forte o bastante para Matt não conseguir se controlar e Stefan sentiu o pânico tomando conta do corpo de Matt novamente.

Confie em mim, Matt. Ele se deslocou para trás do rapaz humano. Mas a decisão deve ser sua, concluiu ele, de repente tomado por compaixão. Você pode mudar de ideia.

Matt hesitou e então falou entre dentes.

— Não. Ainda quero ajudar. Quero ajudar você, Elena.

— Matt — ela sussurrou, com os olhos azuis de pálpebras pesadas fixos nele. Depois os olhos de Elena desceram pelo pescoço dele e seus lábios se separaram, famintos. Não havia sinal da insegurança que ela havia

demonstrado quando Damon sugeriu que se alimentasse dos paramédicos. — Matt. — Ela sorriu de novo e atacou, rápida como uma ave de rapina.

Stefan pôs a mão nas costas de Matt para oferecer apoio. Por um momento, enquanto os dentes de Elena penetravam em sua pele, Matt tentou recuar, mas Stefan imediatamente pensou, Não lute; é isso que provoca a dor.

Enquanto Matt tentava relaxar, uma ajuda inesperada veio da parte de Elena, que estava irradiando os felizes pensamentos de um filhote de lobo sendo alimentado. Ela acertou a técnica de morder na primeira tentativa e se enchia de um orgulho inocente e uma satisfação crescente enquanto as pontadas de fome se atenuavam. E tinha consideração por Matt, percebeu Stefan, com um súbito choque de ciúme. Ela não odiava Matt, nem queria matá-lo, porque ele não representava nenhuma ameaça a Damon. Elena gostava de Matt.

Stefan deixou que ela sugasse o quanto fosse seguro e depois interferiu. Já basta, Elena; não quer feri-lo. Mas foi necessário combinar o esforço dele ao de Damon e ao de um Matt grogue para arrancá-la dali.

— Ela agora precisa descansar — disse Damon. — Vou levá-la a um lugar onde possa fazer isso com segurança. — Ele não estava pedindo a Stefan; estava apenas comunicando a ele.

Enquanto os dois saíam, a voz mental de Damon acrescentou somente para os ouvidos de Stefan, Não me esqueci do modo como me atacou, irmão. Conversaremos sobre isso depois.

Stefan os observou partir. Notou que os olhos dela continuavam fixos em Damon, que ela o seguia sem questionar. Mas Elena agora estava fora de perigo; o sangue de Matt dera a força de que ela precisava. Era nisso que Stefan teria de se prender agora, e ele disse a si mesmo que era tudo o que importava.

Ele se virou para compreender a expressão atônita de Matt. O menino humano havia se jogado em uma das cadeiras de plástico e olhava fixamente à frente.

Depois seus olhos se encontraram com os de Stefan e eles se encararam com severidade.

— Então — disse Matt. — Agora eu sei. — Ele sacudiu a cabeça, virando-a de leve. — Mas ainda não acredito — murmurou ele. Seus dedos apertaram cautelosamente a lateral do pescoço e ele estremeceu. — A não ser por isto. — Matt franziu o cenho. — Aquele cara... o Damon. Quem é ele?

— Meu irmão mais velho — disse Stefan secamente. — Como sabe o nome dele?

— Ele foi à casa de Elena na semana passada. A gata o atacou. — Matt parou de falar, claramente se lembrando de mais uma coisa. — E Bonnie teve uma espécie de ataque paranormal.

— Ela teve uma premonição? O que ela disse?

— Ela disse... disse que a Morte estava na casa.

Stefan olhou a porta por onde Damon e Elena haviam passado.

— E ela estava certa.

— Stefan, o que está havendo? — Um tom de súplica havia penetrado na voz de Matt. — Ainda não entendo. O que aconteceu com Elena? Ela vai ficar assim para sempre? Não há nada que possamos fazer?

— Ficar assim, como? — disse Stefan com brutalidade. — Desorientada? Uma vampira?

Matt virou a cara.

— As duas coisas.

— Quanto à primeira, agora que ela está alimentada, pode ficar mais racional. É o que Damon pensa, de qualquer forma. Já quanto à segunda, só há uma coisa que você pode fazer para alterar a condição dela. — Enquanto os olhos de Matt se iluminavam de esperança, Stefan continuou. — Pode pegar uma estaca de madeira e cravá-la com um martelo em seu coração. Assim ela não seria mais vampira. Estaria morta.

Matt se levantou e foi à janela.

— Você, na verdade, não a estaria matando, afinal, isso já foi feito. Ela se afogou no rio, Matt. Mas como obteve sangue suficiente de mim — ele parou para estabilizar a voz — e, ao que parece, do meu irmão, ela se transformou em vez de simplesmente morrer. Despertou uma caçadora, como nós. É o que ela será de agora em diante.

Ainda de costas, Matt respondeu.

— Sempre soube que havia algo em você. Dizia a mim mesmo que deveria ser assim porque você era de outro país. — Ele sacudiu a cabeça de novo, cheio de desprezo por si mesmo. — Mas no fundo eu sabia que era mais do que isso. E algo ainda ficava me dizendo que eu devia confiar em você, e eu confiei.

— Como quando você foi comigo pegar a verbena.

— É. Como isso. — E acrescentou: — Agora pode me dizer para que diabos era aquilo?

— Para a proteção de Elena. Eu queria manter Damon longe dela. Mas parece que, no final das contas, não era o que ela queria. — Ele não pôde evitar a amargura, a traição crua, em sua voz.

Matt se virou.

— Não a julgue antes de conhecer todos os fatos, Stefan. Essa foi uma coisa que eu aprendi.

Stefan ficou sobressaltado; depois, deu um leve sorriso sem humor. Como ex-namorados de Elena, ele e Matt agora estavam na mesma situação. Ele se perguntou se seria tão elegante quanto Matt. Se também encararia a derrota como um cavalheiro.

Stefan não acreditava nisso.

Lá fora, começou um ruído. Era inaudível a ouvidos humanos e Stefan quase o ignorou — até que as palavras penetraram em sua consciência.

Então ele se lembrou do que tinha feito nesta mesma escola há apenas algumas horas. Até aquele momento, tinha se esquecido completamente de Tyler Smallwood e seus amigos violentos.

Agora aquela lembrança havia voltado; a vergonha e o horror fecharam sua garganta. Ele estava fora de si de tanta tristeza por Elena e seu raciocínio espatifara sob pressão. Mas não existiam desculpas para o que ele havia feito. Estariam eles mortos? Teria ele, que tempos atrás jurou jamais matar, dado fim a seis pessoas hoje?

— Stefan, espere. Aonde você vai? — Como ele não respondeu, Matt o seguiu, quase correndo para acompanhá-lo, deixou o prédio principal da escola e chegou ao asfalto. Do outro lado do campo, o sr. Shelby estava parado perto do barracão.

A cara do zelador era cinza e tomada de rugas de pavor. Ele parecia tentar gritar, mas só um ofegar curto e rouco saía de sua boca. Passando a cotoveladas pelo zelador, Stefan olhou o barracão e teve uma curiosa sensação de déjà vu.

Parecia a sala do Estripador da festa de arrecadação de fundos da Casa Mal-Assombrada. Só que isto não era uma representação montada para os visitantes. Era de verdade.

Corpos estavam espalhados por todo lado, em meio a lascas de madeira e cacos de vidro da janela quebrada. Cada superfície visível tinha sangue derramado, vermelho-amarronzado e sinistro ao secar. E bastava olhar os corpos para saber o motivo: cada um deles tinha um par de feridas roxas e

nítidas no pescoço. Exceto Caroline: seu pescoço não trazia marcas, mas os olhos eram vagos e fixos.

Atrás de Stefan, Matt ofegava.

— Stefan, Elena não... Ela não...

— Silêncio — respondeu Stefan, tenso. Ele olhou para o sr. Shelby, mas o zelador tinha tropeçado no carrinho de vassouras e esfregões e estava encostado nele. O vidro rangia sob os pés de Stefan enquanto ele atravessava o chão para se ajoelhar ao lado de Tyler.

Não estava morto. O alívio explodiu em Stefan. O peito de Tyler se movia sutilmente e quando Stefan ergueu a cabeça do menino seus olhos se abriram numa fenda, fixos e desfocados.

Você não se lembra de nada, disse Stefan a Tyler mentalmente. Ao fazer isso, Stefan se perguntou por que se dava a esse trabalho. Ele devia sair de Fell's Church, ir embora agora e nunca mais voltar.

Mas não iria embora. Não enquanto Elena estivesse ali.

Ele pegou a mente inconsciente das outras vítimas em suas garras mentais e lhes disse a mesma coisa, entrando fundo na mente de cada uma delas. Você não lembra quem atacou. A tarde toda é um borrão.

Ao fazer isso, ele sentiu seus Poderes mentais tremerem como músculos fatigados demais. Estava à beira do completo esgotamento.

Do lado de fora, o sr. Shelby enfim encontrou sua voz e gritava. Exausto, Stefan deixou a cabeça de Tyler escorregar entre seus dedos até o chão e se virou.

Os lábios de Matt estavam repuxados, as narinas infladas, com se ele tivesse acabado de sentir um cheiro nauseante. Os olhos eram os de um estranho.

— Não foi Elena — sussurrou ele. — Foi você.

Silêncio! Stefan passou por ele, empurrando-o, para o agradável frio da noite, guardando distância entre si e aquele barracão, sentindo o ar gelado na pele quente. Passos apressados dos arredores do refeitório indicavam que alguns humanos enfim ouviram os gritos do zelador.

— Foi você, não foi? — Matt seguira Stefan até o campo. Sua voz dizia que ele tentava compreender.

Stefan se virou para ele.

— Sim, fui eu — ele rosou. Ele olhou Matt de cima, sem esconder a ameaça colérica em seu rosto. — Eu lhe disse, Matt, somos caçadores.

Assassinos. Você é a ovelha; nós somos os lobos. E Tyler estava pedindo por isso desde o dia em que cheguei aqui.

— Pedindo um murro no nariz, isso sim, como o que você lhe deu antes. Mas... isso? — Matt se aproximou de Stefan, olhando-o nos olhos, sem medo. Ele tinha coragem física; Stefan precisava reconhecer. — E você nem se arrepende? Não sente remorso por isso?

— Por que sentiria? — disse Stefan com frieza, num tom seco. — Você se arrepende de quando come muita carne? Lamenta pela vaca? — Ele percebeu a expressão de incredulidade nauseada de Matt e pressionou-o, impelindo a dor mais fundo em seu peito. Era melhor que Matt ficasse longe dele de agora em diante, bem longe. Ou Matt poderia terminar como aquela gente no barracão. — Eu sou o que sou, Matt. E se não pode lidar com isso, é melhor ficar longe de mim.

Matt o fitou por um momento a mais, a incredulidade se transformando aos poucos em desilusão, mas a náusea sempre presente. Os músculos em volta de seu queixo se retesaram. Depois, sem dizer nada, ele deu meia-volta e se afastou.

Elena estava no cemitério.

Damon a deixara ali, exortando-a para que ficasse até ele voltar. Mas Elena não queria ficar parada. Estava cansada, mas não tinha sono, e o sangue novo a afetava como um choque de cafeína. Ela queria sair para explorar.

O cemitério estava cheio de atividade, embora não houvesse humano nenhum à vista. Uma raposa escapou pelas sombras para a trilha do riacho. Pequenos roedores faziam um túnel sob a relva alta em volta das lápides, guinchando e correndo. Uma coruja voou quase em silêncio para a igreja em ruínas, onde pousou no campanário com um chamado sinistro.

Elena se levantou e a seguiu. Era muito melhor do que se esconder na relva como um rato ou um arganaz. Ela olhou a igreja em ruínas com interesse, usando seus sentidos afiados para examiná-la. A maior parte do telhado tinha caído e só três paredes estavam de pé, mas o campanário se erguia como um monumento solitário no entulho.

Em um lado havia o túmulo de Thomas e Honoria Fell, como uma grande caixa de pedra ou caixão. Elena olhou as faces de mármore branco das estátuas na tampa. Estavam deitadas num sono tranquilo, os olhos fechados, as mãos cruzadas no peito. Thomas Fell parecia sério e meio severo, mas

Honoraria parecia apenas triste. Elena pensou distraída em seus próprios pais, deitados lado a lado no cemitério moderno.

Vou para casa; é para lá que eu vou, pensou ela. Acabara de se lembrar de sua casa. Podia imaginá-la agora; seu lindo quarto com cortinas azuis, móveis de cerejeira e a pequena lareira. E havia algo importante debaixo das tábuas do piso do armário.

Ela encontrou o caminho para a Maple Street usando instintos que eram mais profundos do que a memória, deixando que seus pés a guiassem para lá. Era uma casa antiga, com uma varanda grande na frente e janelas que iam do chão ao teto. O carro de Robert estava estacionado na entrada.

Elena partiu para a porta da frente e parou. Havia um motivo para que as pessoas não devessem vê-la, embora ela não conseguisse se lembrar agora. Depois de hesitar subiu com agilidade no marmeleiro e foi até a janela de seu quarto.

Mas não poderia entrar ali sem ser vista. Uma mulher estava sentada na cama com o quimono vermelho de seda de Elena no colo, olhando para ele. A tia Judith. Robert estava de pé junto à cômoda, falando com ela. Elena descobriu que podia captar o murmúrio de sua voz, mesmo através do vidro.

— ... amanhã de novo — dizia ele. — Desde que não chova. Eles vão vasculhar cada centímetro do bosque e vão encontrá-la, Judith. Você verá. — A tia Judith não disse nada e ele continuou, parecendo mais desesperado. — Não podemos perder as esperanças, independente do que as meninas dizem..

— Isso não está dando certo, Bob. — Tia Judith enfim levantou a cabeça e seus olhos estavam avermelhados, mas secos. — De nada adianta.

— O esforço de resgate? Não quero que fale desse jeito. — Ele se aproximou para ficar ao lado dela.

— Não, não é só isso... Embora no fundo eu saiba que não vamos encontrá-la viva. Eu quis dizer... Tudo. Nós. O que aconteceu hoje foi por nossa culpa...

— Isso não é verdade. Foi um acidente anormal.

— Sim, mas nós o provocamos. Se não tivéssemos sido tão duros com Elena, ela nunca teria saído de carro sozinha e não seria pega pela tempestade. Não, Bob, não tente me calar; quero que você ouça. — A tia Judith respirou fundo e continuou. — E nem foi só hoje. Elena vinha tendo problemas há tempos, desde que as aulas começaram, e de algum modo deixei que os sinais me escapassem. Porque eu estava absorta demais comigo

mesma... conosco... para prestar atenção. Agora eu entendo. E agora que Elena... se foi... não quero que aconteça o mesmo com Margaret.

— O que está dizendo?

— Estou dizendo que não posso me casar com você, não tão cedo, como planejamos. Talvez nunca. — Sem olhar para ele, ela falou com suavidade. — Margaret já perdeu demais. Não quero que ela sinta que está me perdendo também.

— Ela não estaria perdendo você. Se tanto, ela vai ganhar alguém, porque eu estarei presente com mais frequência. Você sabe o que sinto por ela.

— Desculpe, Bob; não vejo a questão dessa maneira.

— Não pode estar falando sério. Depois de todo o tempo que passamos aqui... Depois de tudo o que eu fiz...

A voz de tia Judith era seca e implacável.

— Eu estou falando sério.

Do poleiro do lado de fora da janela, Elena olhou Robert com curiosidade. Uma veia pulsava na testa enquanto o rosto dele ficava vermelho.

— Vai pensar diferente amanhã — disse ele.

— Não vou, não.

— Você não está falando sério...

— Eu falo a sério. Não me diga que vou mudar de ideia, porque não vou.

Por um instante, Robert olhou em volta numa frustração impotente; depois, sua expressão ensombreceu. Quando falou, a voz era monótona e fria.

— Sei. Bem, se esta é sua resposta definitiva, é melhor eu ir embora agora.

— Bob. — A tia Judith se virou, sobressaltada, mas ele já estava do lado de fora da porta. Ela se levantou, hesitante, como se não tivesse certeza se ia ou não atrás dele. Seus dedos apertaram o tecido vermelho que seguravam. — Bob! — ela chamou de novo, com mais urgência, e se virou para deixar o quimono na cama de Elena antes de segui-lo.

Mas ao se virar ela arfou, a mão voando à boca. Todo seu corpo enrijeceu. Seus olhos fitaram os de Elena através do vidro prateado. Por um longo momento, elas se olharam assim, imóveis. Depois a mão da tia Judith se afastou da boca e ela começou a gritar.

Alguma coisa arrancou Elena da árvore e, uivando em protesto, ela caiu e pousou de pé como um gato. Seus joelhos bateram no chão um segundo depois e ficaram machucados.

Ela recuou, as mãos em garra para atacar o responsável por isso. Damon afastou a mão dela com um tapa.

— Por que você me agarrou? — perguntou ela.

— Por que não ficou onde a deixei? — rebateu ele.

Eles se fuzilaram com os olhos, igualmente furiosos. Depois Elena se distraiu. Os gritos ainda vinham do segundo andar, aumentados agora pelas pancadas na janela. Damon a empurrou contra a casa, onde não podiam ser vistos de cima.

— Vamos sair de perto deste barulho — disse ele, exigente, olhando para cima. Sem esperar por uma resposta, Damon pegou-a pelo braço. Elena resistiu.

— Tenho que entrar lá!

— Não pode. — Ele deu-lhe um sorriso selvagem. — E quero dizer literalmente. Você não pode entrar nessa casa. Não foi convidada.

Confusa por um instante, Elena deixou que ele a arrastasse por alguns passos. Depois cravou os pés no chão de novo.

— Mas preciso do meu diário!

— O quê?

— No armário, debaixo das tábuas do piso. Eu preciso dele. Não posso dormir sem meu diário. — Elena não sabia por que estava fazendo tanto estardalhaço, mas parecia importante.

Damon ficou exasperado; depois, sua expressão abrandou.

— Tome — disse ele calmamente, os olhos cintilando. E tirou alguma coisa da jaqueta. — Pegue.

Elena olhou a oferta em dúvida.

— É o seu diário, não é?

— É, mas é o antigo. Quero o novo.

— Este terá de servir, porque é só o que vai ter. Vamos logo antes que eles acordem o bairro todo. — Sua voz ficara fria e autoritária de novo.

Elena considerou melhor o livro que ele segurava. Era pequeno, com uma capa de veludo azul e um fecho de bronze. Talvez não fosse a edição mais nova, mas era algo bem familiar. Ela concluiu que era aceitável.

Elena deixou que Damon a levasse pela noite.

Não perguntou aonde estavam indo. Não se importava muito. Mas reconheceu a casa na Magnolia Avenue; era onde Alaric Saltzman estava morando.

E foi Alaric que abriu a porta, gesticulando para Elena e Damon entrarem. O professor de história estava estranho e não parecia realmente enxergá-los. Com os olhos vidrados, ele se movia como um autômato.

Elena lambeu os lábios.

— Não — disse Damon ríspidamente. — Este não é para morder. Há alguma coisa suspeita nele, mas você deve ficar segura dentro da casa. Já dormi aqui. Bem ali. — Ele a levou por um lance de escada até um sótão com uma janelinha. Era abarrotado de objetos guardados: trenós, esquis, uma rede. Na ponta, havia um velho colchão no chão.

— Ele nem saberá que você estará aqui amanhã de manhã. Deite-se. — Elena obedeceu, assumindo uma posição que parecia natural para ela. Deitou-se de costas, as mãos cruzadas sobre o diário que protegia no peito.

Damon colocou um tapete em cima de Elena, cobrindo seus pés descalços.

— Durma, Elena — disse ele.

Ele se curvou sobre ela e por um momento Elena pensou que ele ia... fazer alguma coisa. Os pensamentos de Elena estavam nebulosos demais. Mas os olhos negros como a noite de Damon encheram sua visão. Depois ele recuou e ela conseguiu respirar novamente. A escuridão do sótão baixou sobre ela, seus olhos se fecharam aos poucos e ela dormiu.

Ela acordou devagar, reunindo informações sobre onde estava, pedaço por pedaço. Pelo que parecia, era o sótão de alguém. O que ela fazia ali?

Ratos ou camundongos disparavam em meio às pilhas de objetos cobertos de encerado, mas o som não a incomodava. O mais leve vestígio de luz

aparecia pelas frestas da janela fechada. Elena empurrou o cobertor improvisado e se levantou para investigar.

Sem dúvida era o sótão de alguém, e não de alguém que ela conhecesse. Ela sentia que estivera doente por muito tempo e tinha acordado de sua enfermidade. Que dia é hoje?, perguntou-se ela.

Elena podia ouvir vozes abaixo. No primeiro andar. Alguma coisa dizia para ela ter cuidado e ficar em silêncio. Ela teve medo de causar qualquer perturbação. Abriu a porta do sótão sem fazer ruído e cautelosamente desceu até o patamar. Olhando para baixo, podia ver uma sala de estar. Ela a reconheceu; sentou-se naquela poltrona quando Alaric Saltzman deu uma festa. Ela estava na casa dos Ramsey.

E Alaric Saltzman estava lá embaixo; Elena podia ver seu cocoruto com cabelo cor de areia. O tom de voz de Alaric a desnorteou. Depois de um instante, ela percebeu que era porque ele não parecia presunçoso, nem idiota, nem nada parecido como costumava ficar em sala de aula. Também não estava soltando sua psicologia barata. Falava fria e decisivamente com outros dois homens.

— Ela pode estar em qualquer lugar, até debaixo de nosso nariz. Mas é mais provável que esteja fora da cidade. Talvez no bosque.

— Por que no bosque? — disse um dos homens. Elena também conhecia aquela voz, e aquela careca. Era o sr. Newcastle, o diretor da escola.

— Lembra que as duas primeiras vítimas foram encontradas perto do bosque? — disse o terceiro homem. Aquele era o dr. Feinberg?, pensou Elena. O que ele fazia aqui? O que eu estou fazendo aqui?

— Não, é mais do que isso — dizia Alaric. Os outros homens ouviam-no com respeito, até com deferência. — O bosque tem relação com isso. Eles podem ter um esconderijo por lá, uma toca onde possam se enterrar, se forem descobertos. Se houver uma, eu vou encontrar.

— Tem certeza? — disse o dr. Feinberg.

— Absoluta — disse Alaric concisamente.

— E é aí que você acha que Elena está — disse o diretor. — Mas ela vai ficar lá? Ou voltará para a cidade?

— Não sei. — Alaric andou alguns passos e pegou um livro na mesa de centro, passando o polegar por ele, distraidamente. — Uma maneira de descobrir é observarmos as amigas dela. Bonnie McCullough e aquela morena, Meredith. É provável que sejam as primeiras a vê-la. Em geral é assim que acontece.

— E depois que a localizarmos? — perguntou o dr. Feinberg.

— Deixe isso comigo — disse Alaric em voz baixa e impiedosa. Ele fechou o livro e o largou na mesa de centro com um baque perturbadoramente conclusivo.

O diretor olhou o relógio.

— É melhor ir andando; o funeral começa às dez horas. Vocês dois estarão lá? — Ele parou a caminho da porta e olhou para trás de um jeito decidido.

— Alaric, espero que cuide disso. Quando o chamei aqui, as coisas não tinham ido tão longe. Agora estou começando a me perguntar...

— Eu posso cuidar disso, Brian. Eu lhe disse; deixe comigo. Preferia ver a Robert E. Lee em todos os jornais, não só como a cena de uma tragédia, mas também como “A Escola Mal-Assombrada de Boone County”? Um ponto de encontro de espíritos do mal? A escola onde andam os mortos-vivos? É esse tipo de publicidade que quer?

O sr. Newcastle hesitou, mordendo o lábio, depois assentiu, ainda insatisfeito.

— Muito bem, Alaric. Mas que seja algo rápido e limpo. Vejo você na igreja. — Ele saiu e o dr. Feinberg o seguiu.

Alaric ainda ficou parado ali por algum tempo, aparentemente olhando o vazio. Por fim, assentiu uma única vez e saiu pela porta da frente.

Elena subiu as escadas devagar.

Ora, do que se tratava tudo aquilo? Ela estava confusa, como se flutuasse solta no tempo e no espaço. Precisava saber que dia era hoje, por que estava ali e por que tinha tanto medo. Por que sentia com tanta intensidade que ninguém devia vê-la, ouvi-la, nem dar por sua presença.

Olhando o sótão, ela não viu nada que pudesse ser útil. Onde estivera deitada só havia um colchão e o tapete — e um livrinho azul.

Seu diário! Ansiosa, ela o pegou e o abriu, pulando as entradas. Paravam em 17 de outubro; não tinha utilidade nenhuma para descobrir a data de hoje. Mas enquanto Elena via o que escrevera, imagens se formaram em sua mente, unindo-se como pérolas num colar, compondo lembranças. Fascinada, ela se sentou devagar no colchão. Voltou ao início e começou a ler sobre a vida de Elena Gilbert.

Quando terminou, estava fraca de medo e pavor. Pontos luminosos dançavam e tremeluziam diante de seus olhos. Havia dor demais naquelas páginas. Tantas tramas, tantos segredos, tanta carência. Era a história de uma menina que se sentia perdida em sua própria cidade natal, em sua própria

família. Que estivera procurando... por alguma coisa, algo que jamais alcançaria. Mas não foi isso que provocou o pânico palpitante em seu peito e esgotou toda a energia do seu corpo. Não era por isso que Elena se sentia numa queda livre mesmo quando estando sentada e imóvel. O que provocou o pânico foi que ela se lembrou.

Ela agora se lembrava de tudo.

A ponte, a água corrente. O terror enquanto o ar deixava seus pulmões e só havia líquido para respirar. A dor que sentiu. E o instante final, quando parou de doer, quando tudo parou. Quando tudo... parou.

Ah, Stefan, eu estava tão assustada, pensou ela. E agora o mesmo medo estava dentro dela. No bosque, como ela pôde se comportar daquele jeito com Stefan? Como pôde ter se esquecido dele, de tudo o que ele significava para ela? O que a fez agir daquela maneira?

Mas ela sabia. No cerne de sua consciência, Elena sabia. Ninguém se levantava e saía andando de um afogamento daquele jeito. Ninguém se levantava e saía andando, com vida.

Lentamente, ela se ergueu e foi olhar a janela fechada. O vidro escuro agia como um espelho, oferecendo seu reflexo.

Não era o reflexo que ela vira em seu sonho, onde disparava por um corredor de espelhos que pareciam ter vida própria. Não havia nada de dissimulado ou cruel neste rosto. Embora fosse o mesmo, era sutilmente diferente do que estava acostumada a ver. Havia na pele dela um brilho pálido e em volta dos olhos uma cavidade reveladora. Elena tocou o pescoço com a ponta dos dedos, lateralmente. Foi ali que Stefan e Damon sugaram o sangue dela. Teria sido a quantidade necessária, será que ela realmente recebeu o bastante deles?

Deve ter sido. E agora, pelo resto de sua vida, pelo resto de sua existência, teria de se alimentar como Stefan. Ela teria de...

Ela caiu de joelhos, encostando a testa na madeira nua de uma parede. Não posso, pensou ela. Ah, por favor, eu não posso; não posso.

Elena nunca foi muito religiosa. Mas do íntimo seu pavor crescia e cada partícula de seu ser se uniu no apelo por ajuda. Ah, por favor, pensou ela. Por favor, por favor, ajude-me. Não pediu nada específico; não conseguia organizar os pensamentos para tanto. Apenas isto: Ah, por favor, ajude-me por favor, por favor.

Depois de um tempo, Elena se levantou novamente.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A fúria - Diários do vampiro"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).